



*Outr'ora passavam aqui comboios!
Hoje, apenas memórias...*

Plantas da Nossa Terra

Alcachofra



Catarina Lima

A alcachofra (*Cynara scolymus*) é uma planta perene, de clima temperado, da família das *Asteraceae*, com caules estriados e grandes capítulos florais de cor púrpura. Tem as folhas verde claras e dá uma inflorescência comestível e muito apreciada.

É endémica da região mediterrânica, mais propriamente do Sul da Europa e Norte de África e o seu nome provém do árabe *al-kharshûf* (que significa “planta espinhosa”).

As partes comestíveis da alcachofra são as escamas ou pétalas, que apresentam uma base carnuda, e que se inserem num receptáculo, também ele carnudo, achatado e comestível.

As alcachofras devem ser colhidas antes da abertura das flores, com as escamas ainda “coladas” e roxas, pois tornam-se muito duras depois.

Podendo ser consumida de várias maneiras, a alcachofra é muito nutritiva e contém grandes quantidades de vitaminas (A, B e C) e sais minerais (cobre, cálcio, enxofre, iodo, ferro, fósforo, zinco, potássio, sódio e manganês).

Além disto, também é considera-

da uma planta com propriedades medicinais. Atua como facilitadora da digestão, diurética, protetora do fígado, laxante (não irritando a mucosa dos intestinos), hipoglicemiante (diminui a concentração de açúcar no sangue), depurativa e é também eficaz na redução do “mau” colesterol (LDL-c).

Por conter uma substância denominada cinarina, a alcachofra estimula o aumento do fluxo biliar, melhorando as funções do fígado e consequentemente prevenindo várias doenças hepáticas. A alcachofra também tem sido muito eficaz no combate às gorduras, e por isso está incluída em muitas dietas para perda de peso. No entanto, qualquer pessoa que inicie a toma de alcachofra deve primeiro falar com o seu médico ou farmacêutico, uma vez que esta pode interferir com um sem-número de substâncias medicamentosas.

Bibliografia:

<http://www.infoescola.com/plantas/alcachofra/>
<http://alcachofra.org/>
<http://www.plantasmedicinasefitoterapia.com/alcachofra-cynara-scolymus-beneficios-propriedades.html>



Decar, Móveis e Carpintaria

Cozinhas | Quartos | Salas
 Parquet flutuante | Soalhos | Forros
 Todo o tipo de mobiliário por medida

Celestino Araújo Alves

278615060 | 961867993 | 912093010

Rua Tinta Barroca n.º 74 | 5140-353 Carrazeda de Ansiães



JMLIMA
 soc. mediação de seguros

José Lima

TM.: 91 943 55 56
jmlima.seguros@sapo.pt
www.jmlimaseguros.com

Rua Bombeiros Voluntários, 196
 5140-060 CARRAZEDA DE ANSIÃES
 T.: 278 616 218 F.: 278 617 953

FICHA TÉCNICA**Nome**

O Pombal

PropriedadeAssociação Recreativa e Cultural
de Pombal de Ansiões**Nº de Pessoa Coletiva**

500 798 001

Publicação Registada na D.G.C.S.

122017

Depósito Legal

129192/98

Diretora

Fernanda Natália Lopes Pereira

Paginação e Composição

João Miguel Almeida Magalhães

Redação e ImpressãoLargo da Igreja, 1 - Pombal de Ansiões
5140-222 Pombal CRZ
Telef. 278 669 199 * Fax: 278 669 199
E-mail: jornal@arcpa.pt**Home Page**<http://www.arcpa.pt>**Redatores**Tiago Baltazar;
Patrícia Pinto, Fernanda Cardoso**Fotografia**

Fernando Figueiredo; Eduardo Teixeira; Aníbal Gonçalves.

ColaboradoresVitor Lima; Fernando Figueiredo;
Fernando Campos Gouveia; Flora Teixeira; Manuel Barreiras
Pinto; Catarina Lima; Aníbal Gonçalves; José Mesquita; João
Matos; Carlos Fiúza
(Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores)**Tiragem Média**

500 Exemplares

PreçoO jornal O POMBAL é gratuito para os
residentes em Pombal de Ansiões

Assinatura Anual (Sócios)

Portugal: 8,00 Euros;

Europa: 18,00 Euros;

Resto do Mundo: 25,00 Euros

Assinatura Anual (Não Sócios)

Portugal: 12,00 Euros; Europa: 25,00 Euros;

Resto do Mundo: 35,00 Euros

Pontos de VendaSede da ARCPA (Pombal);
Papellaria Horizonte; Ourivesaria Cardoso;
Papellaria Nunes
(Carrazeda de Ansiões)

FUNDADO EM 1 DE JANEIRO 1997

EDITORIAL

**Fernanda
Natália**

O que mais me motivou a participar na caminhada da “Rota das Maias”, foi a possibilidade de visitar um espaço que trilhei muitas vezes na minha juventude.

À medida que ia avançando, procurava absorver na máxima plenitude todo o ambiente envolvente. Confesso que a minha agilidade na arte da fotografia não conseguia acompanhar a rapidez com que a minha visão ia descobrindo novos motivos de interesse. Cada passada que dava, vinha envolvida em novas sensações. O espectro verdejante e viçoso oferecido pelo souto que acompanha grande parte do caminho entre o Castanheiro e a Linha do Tua teve, em mim, um efeito relaxante para os olhos e o espírito. E, de repente, a minha memória trouxe ao cimo a recordação de histórias que gosto sempre de escutar à minha mãe. Foi com ela que pude recolher muitas informações sobre o *modus vivendi* das gentes do nosso concelho há décadas e décadas atrás. Lembrei-me, então, das caminhadas que as mulheres da aldeia davam para o rio, carregadas com as cestas de roupa para fazerem as barrelas com sabão, cinza (de vides) e água a ferver. E era um trabalho para especialistas porque às outras com menos habilidade para essa tarefa estava reservada a roupa de cor. A hora das refeições era de grande convívio. O entardecer era o momento em que os homens que tinham passado o dia a nadar ou à pesca, ajudavam a dobrar lençóis e cobertores. O regresso, muito mais difícil, era amenizado pelas doces recordações dos momentos de folia. Mas, era também por estes caminhos que se laborava arduamente no transporte da cortiça até à aldeia, que se carregavam os molhos de lenha que haviam de trazer algum conforto no inverno. Cheguei enfim à linha do comboio. O dia tinha amanhecido com uma temperatura que recomendava o uso de algum agasalho. Porém, ali o sol já estendia os seus raios cujo calor convidava a prosseguir a caminhada com roupa mais leve. E, num ápice, voltei a recordar uma outra história, da tradição oral, que me habituei a escutar à minha mãe e que passo a reproduzir:

Quando Deus andava pelo Mundo, chegou uma altura que decidiu abandoná-lo. Um discípulo que o acompanhava perguntou-lhe:

- Mas Senhor, quem fica a governar o Mundo?

- Os homens! – respondeu-lhe Deus.

E, admirado, o discípulo retorquiu:

- E se eles governam mal?

- Troco-lhes os tempos! – concluiu Deus.

Para concluir, direi que tenho quase a certeza que esta coisa dos tempos trocados não é um fenómeno sentido apenas no último par de anos.

OURIVESARIA CARDOSO

de

José Alberto Pinto Pereira

Rua Luís Camões

Telef. 278 617 284 - 5140 Carrazeda de Ansiães



Loja 1: Rua da República nº107 • tel. 278 263 263 • fax 278 262 628 • 5370-347 MIRANDELA
Loja 2: Rua de Stº António • Tel/Fax 278 616 515 • 5140-095 CARRAZEDA DE ANSIÃES
ARMAZÉM: Cruzamento de S. Salvador • Tel. 278 262 855 • 5370 MIRANDELA
E-mail: geral@miravet.eu - www.miravet.eu



Ansiães FM 98.1

A Rádio do seu dia a dia !

RÁDIO ANSIÃES, C.R.L.

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues

5140-100 Carrazeda de Ansiães

Tel. 278 616 365 - 278 616 295

Fax. 278 616 725

Internet: www.ransiaes.sbc.pt

E-mail: ansiaestfm@mail.telepac.pt

A Rádio Ansiães apoia a ARCPA, ciente da colaboração no progresso do concelho de Carrazeda de Ansiães.

os congelados do rauss



noratlântico
Ind. e Comércio de Prod. Alimentares, Unip., Lda.

peixe
mariscos
ultracongelados
vegetais
conservas
bacalhau sêco

QUALIDADE * VARIEDADE * PREÇOS BAIXOS

rua marechal gomes da costa 269 r/c - tlf. 278 618 096

CARRAZEDA DE ANSIÃES

(junto às traseiras do antigo centro de saúde)



Sabemos que a sua preferência fará o nosso sucesso!



BORGES PINTO & FERREIRA, LDA.

Confeitaria e Pastelaria, Restaurante
Snack-Bar, Salão de Chá e Café

Rua do Campo Alegre, 654
Telefone 226 068 646
4150-171 PORTO



Largo do Chafariz - 5070 Alijó
Telef. 259 956 691

Rua Luís de Camões, 791 - 5140 Carrazeda de Ansiães
Telef. 278 616 335

Av. das Amoreiras, 130 - 5370 Mirandela
Telef. 278 265 213
Telef. 912 224 418



Tlf.: 278 610 040 Tlm: 917 838 018
Fax: 278 610 049 vanguardalda@gmail.com
Delegado Centro Sul (Coimbra)
Arq. Jaime Veiros Tlm.: 917837198

Rua Marechal Gomes da Costa, 319, 1º Dtº
5140-083 Carrazeda de Ansiães

O Jornal **pombal**
tem o patrocínio do



INSTITUTO PORTUGUÊS
DO DESPORTO
E JUVENTUDE, I. P.



Regulamento Cedência do Salão

Sócio(a) / Filho(a) de Sócio(a) / Cônjuge

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	40€	15€	30€	75€
3/4	100€	40€	80€	200€

Não Sócio(a)

Dias	Salão	Loiças	Cozinha	Salão/Loiças/Cozinha
1	80€	30€	60€	150€
3/4	200€	80€	150€	300€

Obs: Para este efeito, as regalias de sócio, adquirem-se desde que se seja sócio(a) há mais de um ano, na data do pedido.

O salão deverá ser sempre pedido por escrito, com uma antecedência adequada.

Para casamentos, principalmente no Verão e datas festivas, a antecedência deverá ser, no mínimo de três meses,

Os pedidos serão objecto de apreciação e decisão, por ordem de chegada. Sempre que os pedidos sejam coincidentes, os sócios terão preferência sobre os não-sócios.

Ex.mo(s) Senhor(es) Associados/Assinantes

Caso pretendam receber o jornal, deverão recortar/copiar e preencher a Ficha de Assinatura abaixo e enviá-la para a ARCPA, com o respectivo meio de pagamento ou comprovativo de transferência bancária dos valores indicados, para as seguintes contas:

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo (C.a Ansiães) - NIB - 0045 2190 40052054541 39

Caixa Geral de Depósitos (C.a Ansiães) - NIB - 0035 0207 00005044030 35

JORNAL - O POMBAL

FICHA DE ASSINATURA

NOME - _____

MORADA - _____

LOCALIDADE - _____ CÓD. POSTAL - _____ - _____

PAÍS - _____

SÓCIOS ARCPA

Assinatura anual

- 8,00 Euros PORTUGAL

- 18,00 Euros EUROPA

- 25,00 Euros RESTO DO MUNDO

NÃO SÓCIOS

Assinatura anual

- 12,00 Euros PORTUGAL

- 25,00 Euros EUROPA

- 35,00 Euros RESTO DO MUNDO

ENVIO CHEQUE No _____ BANCO _____

VALE POSTAL No - _____

ou comprovativo de transferência bancária com a identificação do assinante

DATA - ____ / ____ / ____ Assinatura - _____

Envie para: Jornal O POMBAL * Largo da Igreja, 1 POMBAL
5140-222 POMBAL CRZ - CARRAZEDA DE ANSIÃES

Obs.: O pagamento deverá ser efectuado no início de cada ano.

Figuras e Factos



Fernando Figueiredo

“CULTURA CÍVICA” E “CULTURA DEMOCRÁTICA”

Vou partilhar uma reflexão com os leitores sobre estes dois conceitos e não dar-lhes uma lição sobre eles. Até porque, estando convencido da necessidade e imprescindibilidade daquilo que representam, nem sequer tenho a certeza que o faria bem e com toda a propriedade. Com efeito, embora seja professor e o assuma por inteiro, quando entendo que essa responsabilidade, mais do que condição, se justifica, sempre preferi colocar-me na perspectiva que somos eternos aprendizes e que, como tal, devemos posicionar-nos, sem embargo de nos prepararmos para termos que partilhar nessa troca constante com os outros.

Na verdade, não sei bem até que ponto a “cultura cívica” e a “cultura democrática” se podem distinguir e autonomizar. Todavia, vou separá-las por facilidade de análise e também porque me parece que tem algum sentido tentá-lo. É ainda um pretexto para falar de algumas coisas que me parecem importantes. Faço-o na perspectiva de historiador, que se interessa mais com “o que foi” e “o que é”, do que com “o que devia ter sido” e “o que devia ser” agora. Ou seja, analisando o que foi o devir humano mais do que as intenções relacionadas com o que se pretendia que ele fosse ou tivesse sido. Assim, recuando aos tempos mais remotos de que há in-

formação segura, sou levado a defender que a cultura cívica é essencial para que haja cultura democrática e que, portanto, aquela antecedeu esta. Parece-me que foi na medida em que a cultura cívica se foi afirmando e aperfeiçoando que se tornou possível surgir e desenvolver-se a cultura democrática.

Alguns exemplos:

Situamos na Grécia antiga do século V (a. C.), principalmente em Atenas e outras cidades que lhe estavam associadas, o início das práticas democráticas que, apesar das suas muitas imperfeições e limitações, constituem a base e o fundamento dos regimes políticos representativos dos nossos dias. Mas isso só foi possível

porque, desde há séculos, os Gregos praticavam alguma cultura cívica que os aproximava, precisamente, enquanto cidadãos, independentemente da região ou cidade a que pertenciam, por sinal muito autónomas e com regimes políticos diferenciados em toda a Grécia de que se sentiam parte. Assim, independentemente do estrato social a que pertenciam, os homens podiam participar nos Jogos Olímpicos desde o século VIII (a. C.), nos quais, dependendo apenas da sua capacidade individual, podiam sagrar-se vencedores e por todos reconhecidos. Isto começou a acontecer três séculos antes de ter surgido um regime político democrático

em Atenas! O mesmo acontecia, por exemplo, com os simples artesãos de cerâmica, que faziam obras únicas, onde a técnica e o individualismo de cada um se distinguia de todos os outros. Ora, o voto político – acção individual – resulta também desta vivência cívica anterior. Foi como que uma concretização da opção individual de escolher.

Nas sociedades mais antigas, como em algumas cidades da velha Índia e da Mesopotâmia, há mais de 4 mil anos antes de Cristo (a. C.), os habitantes eram chamados a participar na organização e gestão dessas comunidades, muito de acordo com a posição social que detinham, civicamente, mais do que politicamente, embora seja difícil separar de todo tais funções. Em qualquer caso, tinham que adquirir alguma preparação (cultura) para que a sua acção resultasse em proveito da cidade a que pertenciam (bem comum).

Em contrapartida, no Antigo Egipto, que atingiu tão elevadas manifestações materiais e espirituais, um poder político, centralizado e até divinizado, servido por uma rede de burocratas e sacerdotes, que tudo orientavam, controlavam e reprimiam, não deixava praticamente espaço ao cidadão, que não o era, efectivamente, em virtude de viver em função dos que servia e não como elemento da sociedade que integra e contribuía para manter materialmente. Por isso, não participava escolhendo, mas apenas cumprindo.

O cidadão, propriamente dito, com direitos e deveres, apenas apareceu, no Ocidente, com a Revolução Francesa (1789 – Finais do século XVIII). E, no Oriente, em geral, só passou mais de um século, após

várias revoluções e movimentos! Compreende-se, então, que a cultura cívica se tenha desenvolvido mais e conscientemente, a partir de então e de forma diferenciada. É um processo em movimento e nunca terminado. Resulta, assim, que a cultura democrática tenha ainda um percurso mais tardio e lento do que aquela.

Apesar do que resulta deste enquadramento sucinto, há hoje poucas desculpas para tanta incultura cívica e democrática. Só o complexo mundo dos interesses pode ajudar a explicar aberrantes falhas, deturpações e procedimentos. Lidamos quotidiana e constantemente com eles, ou seja, com os atropelos. E é com esses que nos indignamos.

A cultura cívica adquire-se. Há-de resultar sobretudo de uma aprendizagem, em vários meios, desde a família e a escola a todos os sectores da sociedade, e da consciencialização dos membros desta, que se quer livre, mas profundamente respeitadora de cada um deles. Daqui decorre uma série de procedimentos relacionados com aquilo que designamos, de forma simplificada, por “civismo”.

Para mim, a cultura democrática decorre naturalmente da cultura cívica. Como é que alguém que respeita os outros, e os considera parte integrante e igual do grupo a que pertence, pode negar-lhe os mesmos direitos e responsabilidade de participação democrática (política)?

Por vezes, atribuímos facilmente aos políticos a responsabilidade e até a culpa por tudo, mesmo pelo que nos compete a nós. Também eu acho que muitos não procedem democraticamente como deviam, mesmo nas situações

mais óbvias e simples, até pela força do exemplo que deles legitimamente se espera, porque é suposto que sejam os mais bem preparados. Considero, pois, que tal resulta, precisamente, da falta de preparação cívica ou da subalternização ou desprezo pelos seus concidadãos, mais do que por desconhecimento das leis que regem as sociedades democráticas.

Poderia dar vários exemplos, a começar pelo nosso Presidente da República que, invocando querer ser “Presidente de todos os Portugueses”, na constituição do Conselho de Estado e do Tribunal Constitucional, pela parte que lhe competia, comprometeu logo tal desígnio, escolhendo apenas pessoas da sua área política. Isto para não falar muito em tomadas de posição recentes ou ausência delas, verdadeiramente comprometedoras da isenção e acção que devia caracterizar a magistratura que representa. Pior seria ainda falar, não na “pequena” reforma da “sua” Maria, que essa parece estar totalmente comprometida, mas nas interpretações dos “milagres” da Virgem Maria (na versão Sra. de Fátima), que tanto parecem iluminá-lo ou tranquilizá-lo, já não sei bem, porque ele também não foi muito claro nessa partilha!

A própria Assembleia da República é muito previsível e formal, não aprofundando a sua capacidade de intervenção e responsabilidade ante os grandes problemas nacionais, caindo na política ocasional e superficial. Parece-nos que era sempre possível fazer melhor! Mas, até nas autarquias locais, em teoria mais perto dos cidadãos que representam, quantas vezes estes não se revêm em nada do que sejam os seus

interesses e foram promessas dos eleitos. Não quero ser fastidioso nem injusto, reconhecendo que qualquer generalização é abusiva. Apenas pretendi ilustrar o que vinha afirmando.

Por isso é que estas instituições e todas as outras têm ainda um longo caminho a fazer para tornar os cidadãos, enquanto tal, mais felizes. É essa a sua função!

Se, ao longo desta conversa, fiquei a falar sozinho, peço desculpa. Não foi essa a intenção. Tive um colega que, meio a brincar meio a sério, de tempos-a-tempos, desabafava que tinha estado a dar uma aula para ele próprio, tal era a sensação de que os alunos não o conseguiram acompanhar. É claro que a culpa havia sido dele, como reconhecia, porque não tinha utilizado a estratégia adequada. Lá o confortávamos, no mesmo tom, dizendo-lhe que, provavelmente, também já nos havia acontecido, sem que disso nos tivéssemos apercebido com tanta nitidez. Por isso, é que eu adverti, logo no início, a sério, que não pretendia dar nenhuma lição a ninguém, mas apenas partilhar uma reflexão. Foi o que fiz. Mesmo assim, não sei se valeu a pena.

Há uma coisa, pelo menos, de que eu estou seguro: quanto mais estivermos civicamente preparados, mais facilmente participaremos no sistema democrático, elegendo e sendo eleito. E devemos fazê-lo, também aqui não deixando para os outros a parte que nos compete a nós!

MAIO /2013

ENGENHARIA FINANCEIRA A NOSSA TÁBUA DE SALVAÇÃO



**João Lopes
Matos**

Quem sou eu para me atrever a falar sobre algo em que seguramente não sou perito?

Realmente, que sei eu de finanças e de engenharia financeira? Em termos técnicos ou académicos, nada. Mas também não é por esse prisma que pretendo tratar o tema.

Quero debruçar-me sobre ele apenas como simples cidadão, ao qual tem causado muitos engulhos a expressão “Engenharia Financeira”.

Após a crise do subprime, tem-se ouvido muitas vezes a referida expressão. Que quererá ela dizer? Trata-se de uma arte de criar artefactos que têm realidade no domínio das finanças.

Eles ou visam ajudar a resolver problemas da economia para que esta flua mais facilmente ou têm em vista apenas satisfazer o apetite de lucro fácil e rápido, pouco importando se têm alguma utilidade real. Por isso, poderemos, desde já, afirmar que há uma engenharia financeira útil e outra prejudicial à atividade económica.

Quando arranjam soluções no domínio financeiro (bancário, se quisermos) que facilitam, por exemplo, a aquisição de casa própria pelas pessoas que vivem em condições não dignas, estamos certamente a construir vias de progresso e de bem-estar aos nossos concidadãos. Se nós abrimos caminhos financeiros que possam vir a prejudicar um número significativo dos nossos semelhantes e até a pôr em risco toda a vida da sociedade, então seria melhor que ficássemos quietos.

O que está em causa é louvar a criação de meios de progresso efetivo e não meios de retrocesso e de destruição. De qualquer modo, é necessário ter muito cuidado com o uso da arte de arranjar processos de fluidez da economia. É preciso usar de muita parcimónia.

A engenharia financeira má tem-nos acarretado imensas perturbações nos últimos anos. Porque não emendar a mão e pôr os engenheiros a fabricar produtos que estejam ao serviço do bem-estar em vez de ao serviço do lucro fácil e nocivo?

Nesta visão cabem seguramente os modos de fazer sair da crise os estados, em particular os estados da União Europeia, fazendo, por exemplo, com que instituições como o BCE sejam mais úteis a todos, tendo em vista que o sistema económico reinante na Europa funcione como um todo e que tenha um rodar que a todos beneficie, sendo certo que a todos interessa um funcionamento assim, sem grandes desequilíbrios.

Para terminar, parece-me que uma economia próspera exige um sistema financeiro bem oleado. Ainda interessa dizer que os dois aspetos (o económico e o financeiro) são ambos importantes para encontrar as soluções desejadas.

João Lopes de Matos

P.S.: O tema era difícil, o artigo saiu arrevezado.

CONTACTOS ÚTEIS

Carrazeda de Ansiães

Câmara Municipal:

Telef. 278 610 200 Fax. 278 616 404

Bombeiros Voluntários:

Telef. 278 616 104 Fax. 278 615 186

Guarda N. Republicana:

Telef. 278 610 020

Centro de Saúde (Urgência):

Telef. 278 610 050 Fax. 278 616 706

Sta Casa da Misericórdia (Lar de Idosos):

Telef. 278 616 747 Fax. 278 616 748

Águas de Carrazeda(Serviços de Águas e Saneamento):

Telef. 278 617 736

Farmácia Rainha:

Telef. 278 616 250

Farmácia Veiga:

Telef. 278 617 119

Caminhos de Ferro (Estação de Tua):

Telef. 278 685 177

Direcção Regional de Agricultura:

Telef. 278 616 361

Escola de Condução:

Telef. 278 616 278

Escola E-B-2,3 (Escola Secundária):

Telef. 278 618 190 Fax. 278 618 198

Centro Regional de S. Social:

Telef. 278 616 147 Fax. 278 616 251

Conservatória Predial e Civil:

Telef. 278 616 164 Fax. 278 615 327

Cartório Notarial:

Telef. 278 616 141

Serviço de Finanças:

Telef. 278 616 236

Tesouraria da Fazenda Pública:

Telef. 278 616 461

Centro Social e Paroquial de Pombal (Lar de Idosos):

Telef. 278 669 315

SERRALHARIA A NOVA
De: Albino Augusto Carvalho

— FERRO E ALUMÍNIO —

Zona Industrial, Lote 6 • Telef/Fax 278 615 268
Telex: 917 601 847 • 9140-105 CARRAZEDA DE ANSIÃES

**O NOVO
TALHO NOVO**

talhonovo@hotmail.com
Carrazeda de Ansiães

MAIO, A PRIMAVERA E AS FLORES...



Manuel Pinto

Quando o calendário anuncia o dia 30 de Abril, manda a tradição que se colham pequenos pedaços, de giesta florida de cor amarela, a que o povo chama “as maias”. E quando nasce o novo dia um de Maio, a entrada das casas e alguns carros, ostentam aquelas flores. Acredita o povo, que assim a fome não entra durante o ano nas nossas casas, nem o azar na condução dos veículos automóveis. É um pouco dar crédito ao ditado que diz: - Dizem que não há bruxas? Mas que as há, há.

Quando chega o mês de Maio o dia 1 é dedicado ao dia do trabalhador, há manifestações de operários e desempregados, em todo o Mundo, numa luta por direitos iguais e melhores condições de trabalho.

Maio o mês que a ciência dedica ao coração, aconselham-nos a mexer, a caminhar, pelo bem da nossa saúde. O tempo ajuda e as autarquias e juntas de freguesia promovem caminhadas com nomes sugestivos

como “A Rota do Douro”, “A Rotas das Maias” o “Trilho do Vale do Tua” e tantos outros com o mesmo objetivo passear, conviver, pelo bem da nossa saúde.

Saúde que quando nos dá problemas a nós ou aos nossos familiares, em horas de aflição pedimos ajuda à Virgem Maria, é no dia 13 que os peregrinos vão a pé de vários locais do país, em promessa agradecer a graça recebida. Este é também o mês que a Igreja católica dedica a Maria e que pede aos fieis para rezarem o terço todos os dias.

O calendário informa que todos os dias, há algo para comemorar o dia dos Museus, podemos visitá-los sem pagar a entrada, esta é uma forma de divulgar o nosso património e denunciar os problemas que ficaram por resolver. O dia 22 é o dia do abraço, e assim devemos abraçar os nossos amigos, os vizinhos e familiares, não custa muito e dá grande alegria a quem o recebe e a

quem o dá. Se puderes abraça os teus filhos, a tua esposa e serás compensado com um sorriso de surpresa e alguma frase mais atrevida, género: Mau, olha este, que queres tu? No mês de Maio, como nos outros meses que formam o calendário anual, há todos os dias os que comemoram o dia do seu nascimento. É o dia do nosso aniversário, a confirmação de que estamos vivos, e a certeza de que em cada ano que passa ficamos mais velhos e com essa certeza, temos de caminhar confiantes, acreditar que a velhice é boa. Felizes os que chegam a velhos, com saúde e pensamento positivo, porque fazer anos, é também recordar como tudo aconteceu. Um dia que o tempo já levou, os nossos pais trabalharam, para que Deus lhes concedesse a graça de terem um filho ou filha que veio a este Mundo.

Em Maio renasce a confiança de viver, ouvir o cuco cantar e outros pássaros, olhar os

campos floridos de verde e amarelo. Pagar a contribuição o Imposto sobre os veículos automóveis o IUC – pagar o IMI -enviar a declaração modelo 3 até ao final do mês de Maio, para liquidar o I.R.S – imposto do rendimento singular e depois de pagarmos os impostos, com o dever cumprido e a consciência exaltada com os nossos políticos. Valeu a pena ter votado nesta cambada?! O roubo que fazem aos funcionários públicos, aos pensionistas e aposentados, o dinheiro que nos tiram com a desculpa de que assim nós, pagantes ajudamos a pagar a crise, a dívida que eles os políticos contraíram.

Depois de Maio, vem o mês de Junho, dos santos populares e o povo é do que gosta. Música e dança, foguetes e fogo de artifício, balões e a banda a tocar. Toquem, toquem, que o povo gosta, dancem e façam por ser felizes, até breve.



IV ROTA DAS MAIAS ARCPA

por João Magalhães



O dia nasceu cheio de sol e cor no passado domingo, 12 de maio, não fosse dia de calçar as sapatilhas e fazermos-nos ao caminho. Era dia de realizar mais uma das muitas atividades da ARCPA: IV Rota das maias, passeio pedestre.

Os preparativos começaram cedo para que nada falhasse. O autocarro da Câmara Municipal não teve “mãos a medir” para transportar as cerca de 130 pessoas para a aldeia de Castanheiro, onde eram aguardadas por um farto pequeno almoço.

E foi ali, em Castanheiro que começou o passeio. Num percurso de cerca de 3 quilómetros até à linha, os caminhan-

tes puderam disfrutar, daquela que, para mim, é uma das mais belas paisagens do mundo. Ali onde o selvagem foi moldado ao de leve pelo Homem.

Chegados à linha, voltamos a marcha em direção a Norte, com destino a S. Lourenço.

Ao percorrer as travessas daquela linha senti um misto de emoções difíceis de explicar. Por um lado todas as memórias que aquela linha tem para todos os Transmontanos, tendo sido durante décadas, o seu único meio de transporte e principal via de comunicação. Por outro lado, ver que a Natureza irá sempre vencer-nos, tendo já absorvido em si grandes pedaços do percurso.

Saber que dentro de poucos anos, todo aquele trilho apenas fará parte da nossa memória, fez-me ainda mais querer estar presente, fotografar cada curva, cada pormenor, para que um dia possa mostrar às gerações vindouras o paraíso que nos foi “roubado”.

À chegada ao S. Lourenço, esperava o autocarro da Câmara Municipal, que ia transportando os caminhan-tes até à ARCPA, para o almoço convívio final.

Em nome da ARCPA, deixo um agradecimento especial à Junta de Freguesia de Castanheiro, pela cedência do espaço, bem como a forma como se empenharam em cooperar

connosco. Numa região onde cada vez somos menos, vejo nestas parcerias de cooperação uma grande mais valia. No que depender de nós tudo faremos para continuar a cooperar com todo o conselho e região, pois ao contrário de slogans de outros tempos, hoje e cada vez mais os dias são de “Juntos e orgulhosamente juntos!”.

Por fim, fica o desejo que chegue rápido o V Rota das Maias, pois há muitas maravilhas na nossa terra para serem apreciadas, vividas e sentidas.

Obrigado a todos quantos que fizeram deste passeio possível.



Quintinha do Manel

Rua Tenente Aviador Melo Rodrigues
Carrazeda de Ansiães

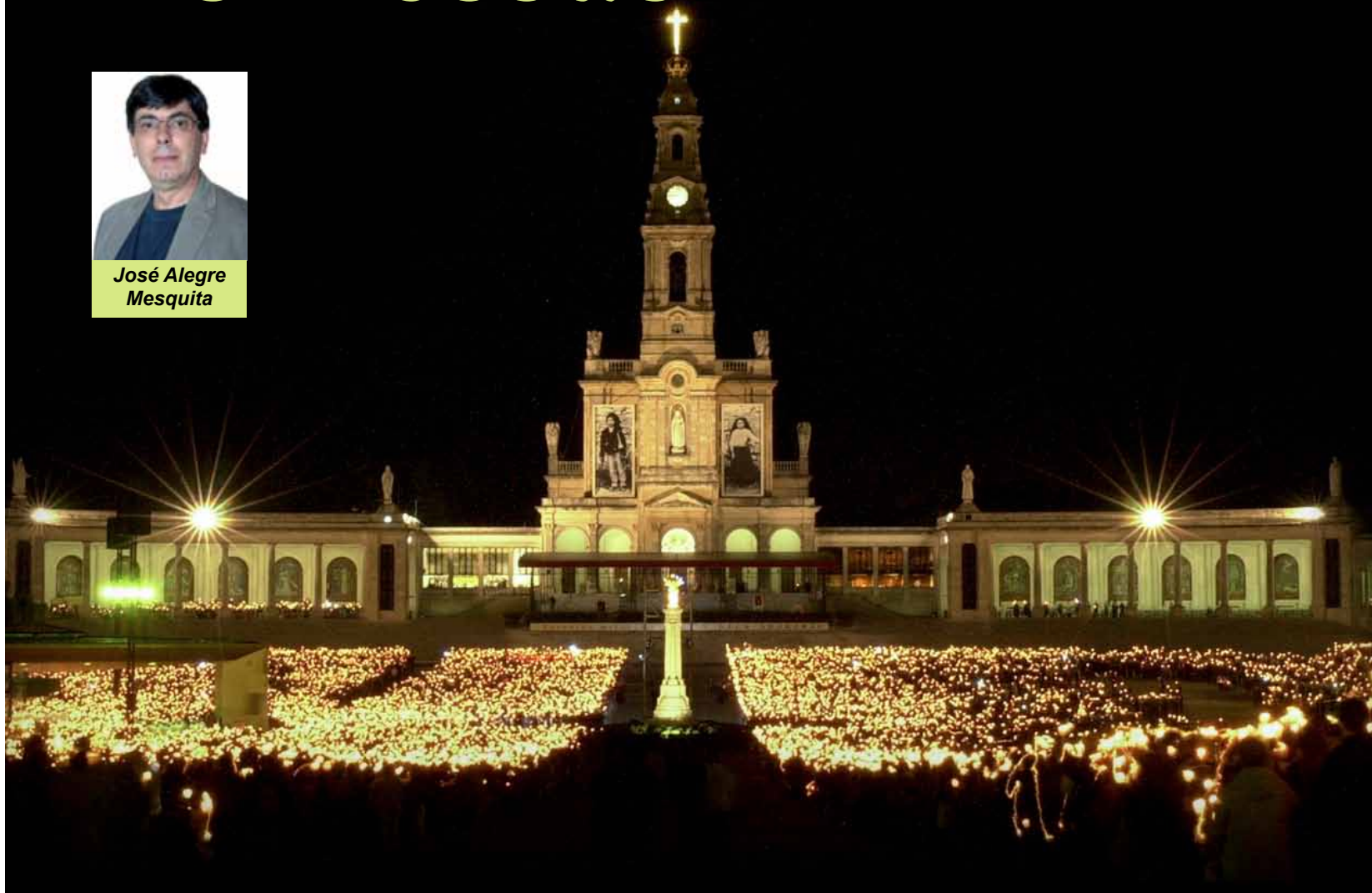
Restaurante, Pensão / Residencial

278617487

Promessas



**José Alegre
Mesquita**



Era assim. Muitas promessas. Cumpridas. Prometia-se a Deus e aos seus santos por tudo e mais alguma coisa, e até, por quase nada. Prometia-se pelos “seus”, pelos parentes e amigos. Prometia-se pela boa saúde, pela cura e restabelecimento da saúde. Prometia-se pelos animais, pelas colheitas e pela defesa do património. Prometia-se pelo sucesso do filho no exame da quarta classe, pela boa parição da burra, pela salvaguarda dos incêndios do cereal. Prometia-se ao São Lourenço, ao Divino Senhor da Cana Verde, ao São Gregório, à Milagrosa Divina Santa Eufémia da Lavandeira, à Santa Luzia de Besteiros, à Senhora da Costa do Seixo de Ansiães, à Senhora da As-

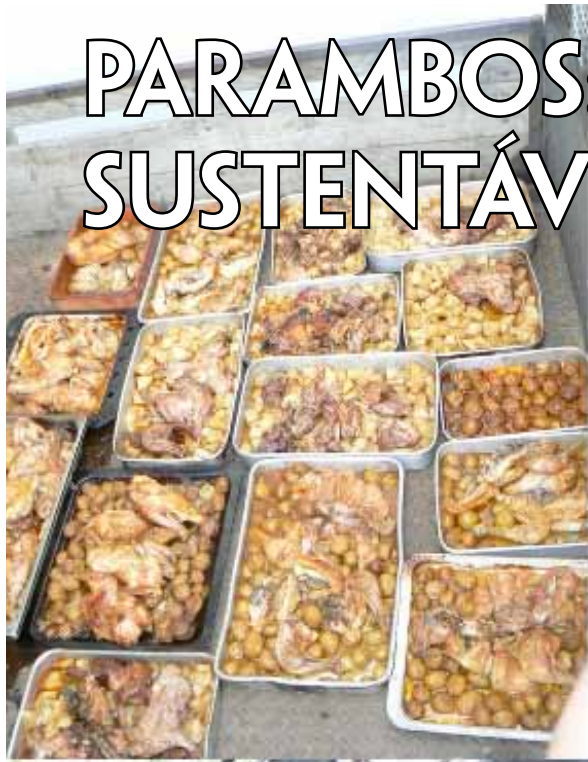
sunção do Cabeço em Vilas Boas, a Nossa Senhora de Fátima. Prometia-se aos santos dos altares da nossa Igreja ou das nossas capelas. Prometia-se uma novena, uma missa ou um qualquer ato religioso. Prometia-se dinheiro, uma vela, um litro de azeite, um alqueire de cereal, um cântaro ou um almude de vinho. Prometia-se um sacrifício à volta da igreja ou da capelinha, de joelhos, descalço, de braços abertos, de rastos... Prometia-se e cumpria-se. Religiosamente. A promessa não podia deixar de ser cumprida, porque era mais grave o não cumprimento, que o não prometimento. Assim, no decurso do exame do filho, enquanto persistia a doença da “cria”,

decorria o parimento do vitelo, do potro e do bebé acendia-se uma vela a Nossa Senhora das Dores, que “nunca deixou de me valer nas aflições”; para que a trovoadas vá para longe e não estrague a vinha; enquanto o cereal está enrolheirado no restolho e na eira alumio a Igreja com o azeite que o Santíssimo Sacramento me ajudou a colher; se mo conservou hei de oferecer ao São Gregório um alqueire de cereal; para que Nossa Senhora nunca deixe de me conservar o “requinho” ofereço um salpicão e uma chouriça, aquando da arrematação do ramo; pelo parto rápido e pouco doloroso ofereço uma novena ao Senhor dos Passos, pelo rápido restabelecimento da

perna partida, prometo uma perna de cera ao milagroso São Lourenço; para que Santa Luzia me conserve a vista todos os anos lhe hei de oferecer um quartilho de azeite; nas horas de mais sofrimento pelo padecimento da doença e pela dor dilacerante, ofereço eu, a mãe, o pai e os irmãos, uma, duas três voltas de joelhos... à roda da capela do Cabeço. Nesse dia determinado do ano, uma, duas, três vezes, todos os anos em que se viva, porque “é a fé que nos cura, nos vale e nos salva”. Isso era antes. Agora as promessas são outras e não se cumprem.

José Alegre Mesquita

PARAMBOS: UMA ALDEIA SUSTENTÁVEL



É indiscutível que a qualidade de vida que, atualmente, podemos desfrutar, é muito superior à de umas décadas atrás. Hoje, fruímos uma vida facilitada pelas novas tecnologias que conseguem garantir um grau de satisfação quase otimizado. Todavia, tudo isso tem um preço demasiado elevado em termos de sustentabilidade do nosso planeta. A Terra, que deveria ser tratada como a nossa autêntica casa, ao invés, é percecionada como mero barracão (apesar de haver barracões famosos). As consequências de maus hábitos e comportamentos pouco cívicos, têm conduzido, de forma progressiva, à degradação do ambiente. Digamos que a evolução tecnológica evoluiu na proporcionalidade inversa da qualidade do ambiente e desgaste dos recursos naturais. E, neste âmbito, importa reter a ideia que na noção de ambiente cabe uma multiplicidade de aspetos: consumo de água e energia, tipo de construção, qualidade do ar interior e exterior, poluição, entre outros. A preocupação em se tomarem medidas que impeçam a degradação ambiental tem

recebido especial atenção por parte de algumas entidades com autoridade no assunto. E, foi assim que um grupo de cerca de duas dezenas de alunos a frequentarem o 3.º ano do Curso de Engenharia Ambiental na UTAD, se focalizou na ideia de criar uma aldeia sustentável. Uma aldeia que cumprisse todos os requisitos para ser um bom exemplo de comunidade que se preocupa e preserva o ambiente. Esta escolha recaiu na aldeia de Parambos, Carrazeda de Ansiães, onde foram previamente feitos diversos estudos e trabalhos de campo, de modo a estabelecer um quadro caracterizador sobre os hábitos dos seus habitantes, a qualidade do ar, o tipo de construções. Depois de recolhidas as informações e feito o respetivo tratamento dos dados foi escolhida uma maneira muito original para apresentação desse mesmo trabalho. Foi deste modo que foi organizado um denominado almoço sustentável. E o que é que este almoço teve de diferente, que o torna notícia? Na verdade, este almoço foi organizado com a participa-

ção de toda a comunidade que contribuiu com os produtos locais e, deste modo, conseguiu-se que fosse reduzida a pegada/Km alimentar. Tal consiste basicamente em reduzir o percurso que os produtos alimentares tiveram, permitindo reduzir de forma quase drástica o consumo de combustíveis e a poluição. Por outro lado, deste almoço nada foi perdido: foi improvisado um ecoponto para o lixo, foram distribuídos os restos alimentares para dar aos animais e os restos biodegradáveis foram aproveitados para compustar e ser usado como matéria orgânica. Esta parece-nos ser a ideia onde melhor se aplica a Lei de Lavoisier: na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. A seguir ao almoço os diversos grupos de trabalho apresentaram as suas conclusões e propostas de atuação, das quais aqui elencamos algumas: (1) importância de ações de reflorestação; (2) organização de ateliers para reciclagem de REEE's (resíduos de equipamentos elétricos e eletrónicos); (3) adoção de hábitos corretos para diminuir os gastos de água potável,

através do aproveitamento de águas pluviais; (4) construção sustentável, a qual permite menos gastos de energia, água e de manutenção; implica cuidados com a escolha de materiais que deverão ter grande durabilidade, ser reproveitáveis e recicláveis. Em termos gerais, foi um modo diferente de promover a importância de se adotarem novas e boas práticas ambientais e sensibilizar para a valorização dos produtos autóctones. No fundo, a mensagem que foi passada centra-se na ideia de que ninguém pode ficar de fora da responsabilidade de contribuir para um ambiente de melhor qualidade porque os ganhos são incalculáveis. E mais, todos os que estiveram presentes verificaram que de maneira mais explícita ou mais subtil, cada um pode dar o seu contributo para a sustentabilidade do ambiente. Tratou-se de uma iniciativa que recebeu o apoio da Quercus, da Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães e da Junta de Freguesia de Parambos.

Fernanda Natália

Os 10 MANDAMENTOS do Hipertenso...



Rosa Fonseca

A hipertensão é, em Portugal, o mais importante factor de risco de acidentes vasculares cerebrais (AVC) e enfartes do miocárdio.
Não ignore, a hipertensão MATA!

1| Medir a tensão arterial pelo menos 1 vez por ano, so assim serão diagnosticados os mais de 3 milhões de portugueses hipertensos que não sabem que o são.

2| Para tratar esta doença, sim que a hipertensão é uma doença são essenciais as seguintes medidas: perder peso, reduzir o consumo de álcool, deixar de fumar, reduzir o consumo de sal e de gorduras saturadas, fazer exercício físico.

3| Tomar regularmente os medicamentos que lhe são receitados. Saiba que 1 em 4 hipertensos nem sequer faz o tratamento.

4| O objetivo é reduzir a pressão arterial para menos de 140/90 mmHg. Com a ajuda dos profissionais de saúde acabará por conseguir. Na diabetes e doença renal os valores a atingir deverão ficar abaixo dos 130/80 mmHg.

5| A medicação para a hipertensão arterial não pode ser deixada de tomar abruptamente. Se parar, a pressão arterial volta a subir, por vezes para valores muito altos, que podem provocar graves problemas. Será vantajoso utilizar medicamentos que se tomem uma vez por dia, para facilitar a adesão terapêutica.

6| Não espere que os valores estejam sempre iguais. A pressão arterial varia constantemente. Por exemplo, no Verão a pressão arterial é mais baixa que no Inverno.

7| A causa mais frequente da hipertensão não controlada é muitas vezes a toma não regular dos comprimidos. Somente o seu médico deve alterar as dosagens prescritas e muitas vezes associar medicamentos com o objetivo de controlar a pressão.

8| No doente medicado, algumas subidas bruscas de pressão arterial, podem ser devidas a crises de ansiedade. Tranquilizar o paciente é essencial.

9| Evite rotinas stressantes! Tenha tempo para a família, amigos e lazer!

10| Saiba, controlando se é diabético e/ou se tem colesterol alto.

... Ame a vida e o seu coração!!

Fonte: SPC: Sociedade Portuguesa de Cardiologia e SBC: Sociedade Brasileira de Cardiologia.

Beijinhos

Pela equipa de rastreios da ARCPA,



Páscoa 2013



Páscoa em Pombal de Ansiães

Depois de passada a época da Quaresma que convidava a uma atitude mais contida e regrada chegou o dia de Páscoa, que veio acompanhada por tradições ancestrais mas que ainda continuam a ser marca da identidade das populações rurais em geral e dos habitantes do concelho de Carrazeda de Ansiães.

Como sempre e para celebrar esta festividade que aparece, por via pagã, associada à chegada da primavera, foram feitas com muito zelo as limpezas domésticas e seguida à risca a ementa da época. Passado

o período do longo jejum era agora tempo da “desforra”. Os folares doces e de carne, os assados e outras sobremesas, tudo feito a preceito para se poder reunir a família e conviver com os amigos.

No Pombal a tradição manteve-se mais um ano e, para além de toda a azáfama necessária ao cumprimento das tarefas anteriormente referidas, faltava algo para completar o cenário: a visita pascal. E cumpriu-se. As casas abriram-se para a visita de Cristo. A sineta anunciava a Sua chegada e, dentro de cada lar renascia a alegria de em mais um ano não se quebrar

a tradição.

Este foi também um momento propício para o regresso à sua terra de muitos que se afastaram por motivos profissionais ou académicos. Foi bom rever os amigos, deixar a conversa em dia, matar saudades das gentes e da terra.

E, ficou no ar o desejo de que nova oportunidade para este tipo de reencontros chegue o mais depressa possível porque é neles que se vão buscar forças anímicas para suportar o afastamento de quem e do que se gosta e se traz sempre no coração.

DIA DA EUROPA

Agrupamento de Escolas de Carrazeda de Ansiães



Mantendo uma tradição de várias décadas, o Dia da Europa foi comemorado no Agrupamento de Escolas de Carrazeda de Ansiães, cuja organização e dinamização esteve a cargo do Clube Europeu.

Este ano, as comemorações focalizaram-se nas atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto Comenius. Como tal, foram expostos materiais que remetiam para os países parceiros do Agrupamento no referido Projeto, nomeadamente: Itália, Turquia, Roménia e Estónia. Foram, por conseguinte, incluídos na exposição aspetos ligados à cultura e tradições de cada um dos países:

-Itália: máscaras venezianas; Arlequino;

-Turquia: olhos da sorte;

-Estónia: pratos com bordados;

-Roménia: ovos da Páscoa decorados;

-Portugal: azulejos; pratos com pinturas e imagens tradicionais;

Em cada um dos espaços dedicados a cada país, foram organizados ateliers de modo a que os alunos que por ali passassem pudessem ter um contacto mais direto com as informações e materiais disponíveis sobre cada país.

Esta exposição serviu, ainda, para publicitar as atividades desenvolvidas ao longo dos dois anos do Projeto Comenius: fotografias, relatórios, recordações.

Importa deixar aqui um pouco mais de informação sobre o Clube Europeu, o qual nasceu no ano letivo de 1995/1996, com o objetivo de dar a conhecer a Europa à comunidade escolar. Para tal, foram sendo dinamizadas ao longo dos anos diversas atividades que traziam subjacente a intenção de dar

a conhecer o funcionamento das instituições europeias e a diversidade europeia nos seus aspetos cultural, histórico, social, económico e patrimonial. O Clube Europeu funciona, para os alunos, em regime de voluntariado, aos quais compete definir as atividades a desenvolver e cujo envolvimento nessas mesmas atividades tem-se revelado como fundamental para o sucesso do Clube.

A sua grande aposta do é promover nos alunos de toda a comunidade escolar um autêntico espírito de cidadãos ativos e responsáveis, sendo parte integrante de uma comunidade com aspetos muito díspares. E, é da consciencialização das diferenças que tem nascido o espírito de tolerância e respeito pelas diferenças.

Fernanda Natália Lopes Pereira

Jornal “O Pombal” n.º 197 de 31 de Maio de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 31/05/2013, lavrada a partir de folhas cinquenta e nove, respetivo livro de notas número sessenta e nove - C, José Albertino de Barros Cartageno, NIF 158 603 311, e mulher Maria de Fátima Rebosa Cartageno, NIF 147 172 233, casados sob o regime da comunhão geral, naturais da freguesia de São Mamede de Riba Tua, concelho de Alijó, onde residem na Avenida Teixeira Lopes, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um prédio rústico composto de sobral com setenta sobreiros e pastagem de cabras, com a área de quinze mil metros quadrados, sito no Frago, freguesia de Castanheiro, concelho de Carrazeda de Ansiães, a confrontar do norte com Rio Tua, do poente com Adelaide Lima, do sul com herdeiros de António Tomé e do nascente com Cândida Joaquina de Carvalho, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 631, com o valor patrimonial e atribuído de cento e vinte e três euros e trinta e cinco cêntimos.

Que, adquiriram o indicado prédio, já no estado de casados, por partilha meramente verbal que nunca foi reduzida a escritura pública, em dia e mês que não podem precisar do ano de mil novecentos e oitenta e sete, por óbito de Delmina Cândida de Carvalho, que era viúva e residente em Tralhariz, Castanheiro, Carrazeda de Ansiães, já falecida.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, cultivando-o, colhendo os respetivos produtos (como a cortiça), aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

31.05.2013. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Vende-se

Carril e Espinhosa do Sr. Vitorino Ventura.

O Carril - Prédio com 50 Oliveiras e 370 videiras, com vinho tratado.

A Espinhosa - Prédio com 32 Oliveiras, 550 videiras com vinho tratado e árvores de fruto. Tem água de poço e mina.

Jornal “O Pombal” n.º 197 de 31 de Maio de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 29/04/2013, lavrada a partir de folhas cento e quarenta e quatro, respetivo livro de notas número sessenta e oito - C,

Adelino de Matos, NIF 120 027 453, e mulher Bárbara Joaquina Bragança Matos, NIF 120 027 445, casados sob o regime da comunhão geral, naturais, ele da freguesia de Pombal, concelho de Carrazeda de Ansiães e ela da freguesia de Zedes, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde residem na Rua das Oliveiras, declararam:

Que, com exclusão de outrem, são donos e legítimos possuidores de um prédio rústico composto de terra de horta e lameiro, com a área de dois mil quatrocentos e cinquenta metros quadrados, sito nos Baceiros, freguesia de Zedes, concelho de Carrazeda de Ansiães, que confina a norte com António Bernardo, a nascente com Fernando Sampaio, a sul com Confraria e do poente com o caminho, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 341, com o valor patrimonial para efeitos de IMT de € 645,91, igual ao que lhe atribuem.

Que, adquiriram o referido prédio, já no estado de casados, em dia e mês que não podem precisar no ano de mil novecentos e noventa e um, por compra meramente verbal que nunca foi

reduzida a escritura pública a Arcelino do Nascimento e mulher Lisete Ausenda Moreira, que foram casados e residentes no Cachão, Mirandela, ele já falecido.

Que, deste modo não possuem título formal que lhes permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde a citada data em que se operou a tradição material do mesmo, eles justificantes, já possuem, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de uso e aproveitamento agrícola, tais como, amanhando-o, semeando-o, cultivando-o, colhendo os produtos semeados, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades, agindo sempre como seus proprietários, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazerem em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriram o citado prédio rústico por usucapião, que expressamente invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

20.04.2013. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal “O Pombal” n.º 197 de 31 de Maio de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 07/04/2013, lavrada a partir de folhas dezassete, respetivo livro de notas número sessenta e nove - C,

Manuel João Sousa Gomes, NIF 130 898 210, casado sob o regime da separação de bens com Áurea de Fátima de Sousa Gomes, natural da freguesia de Parambos, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde reside no Largo do Choupo, declarou:

Que, com exclusão de outrem, é dono e legítimo possuidor de um prédio urbano composto de casa de rés do chão e primeiro andar, para habitação, com a superfície coberta de setenta metros quadrados, a confrontar a norte com herdeiros de Isaías Coelho, a sul com a rua, a nascente com Aurélio Pinto e a poente com Largo do Choupo, sita no Largo do Choupo, freguesia de Parambos, concelho de Carrazeda de Ansiães, ainda não descrito na Conservatória do Registo Predial de Carrazeda de Ansiães, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 339, com o valor patrimonial e atribuído de dezasseis mil quatrocentos e setenta euros.

Que, entrou na posse do indicado prédio, ainda no estado de solteiro, por lhe ter sido doado verbalmente pelos pais António Augusto Gomes e Natividade dos Anjos Jesus, que foram casados e residentes na referia freguesia de Parambos, já falecidos, doação essa feita em dia e mês que não pode precisar, do ano de mil

novecentos e oitenta e oito, e que nunca foi reduzida a escritura pública.

Que, deste modo não possui título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, ele justificante, já possui, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, usando-o inicialmente como a sua casa de habitação e atualmente como casa de habitação secundária, cuidando-o, nele guardando os seus pertences, fazendo as necessárias obras de conservação, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por ele devidos, agindo sempre como seu proprietário, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu o citado prédio por usucapião, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

07.05.2013. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Jornal “O Pombal” n.º 197 de 31 de Maio de 2013



Conservatória dos Registos Civil, Predial e Comercial e Cartório Notarial de Carrazeda de Ansiães

CERTIDÃO

Certifico, para fins de publicação, nos termos do artº. 100º do código do notariado, que por escritura de justificação notarial, outorgada neste cartório notarial, em 28/05/2013, lavrada a partir de folhas quarenta e oito, respetivo livro de notas número sessenta e nove - C,

Antónia Cabral, NIF 167 036 505, solteira, maior, natural da freguesia de Marzagão, concelho de Carrazeda de Ansiães, onde reside no lugar de Luzelos, declarou:

Que, com exclusão de outrem, é dona e legítima possuidora de um prédio urbano composto de casa de dois pisos, com a superfície coberta de doze metros quadrados e a superfície descoberta de vinte e um vírgula cinquenta e um metros quadrados, sito na Rua da Capela, Luzelos, freguesia de Marzagão, concelho de Carrazeda de Ansiães, a confrontar do norte com António Júlio Almeida, do nascente com herdeiros de Inácio da Paz e poente e sul com herdeiros de Germana da Assunção, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 586, com o valor patrimonial e atribuído de três mil quatrocentos e dez euros.

Que, entrou na posse do indicado prédio, por lhe ter sido doado verbalmente por seus pais Basílio Cabral e Angélica Pinto, que foram casados e residentes na referia freguesia de Luzelos, já falecidos, doação essa feita em dia e mês que não pode precisar, do ano de mil novecentos e cinquenta, e que nunca foi reduzida a escritura pública.

Que, deste modo não possui título formal que lhe permita registar na aludida Conservatória do Registo Predial o identificado imóvel, todavia, desde o citado ano, data em que se operou a tradição material do mesmo, ela justificante, já possui, em nome e interesse próprios, o prédio em causa, tendo sempre sobre ele praticado todos os atos materiais de conservação, uso e aproveitamento, tais como, usando-o como sua habitação, cuidando-o, nele guardando os seus móveis, loiças, roupas, objetos de decoração, outros utensílios domésticos e demais pertences, fazendo as necessárias obras de conservação, e ainda utilizando e tratando da área descoberta, aproveitando, assim, dele todas as suas correspondentes utilidades e pagando todas as contribuições e impostos por ele devidos, agindo sempre como sua proprietária, quer na sua fruição, quer no suporte dos seus encargos, tudo isso realizado à vista de toda a gente, sem qualquer ocultação, de forma continuada, ostensiva e ininterrupta desde o seu início, sem qualquer oposição ou obstáculo de quem quer que seja e sempre no convencimento de o fazer em coisa própria, tendo, assim, mantido e exercido sobre o identificado prédio, durante mais de vinte anos e com o conhecimento da generalidade das pessoas vizinhas, uma posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio, pelo que adquiriu o citado prédio por usucapião, que expressamente invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de primeira inscrição no registo predial, direito esse que pela sua própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal extrajudicial.

Extraí a presente certidão de teor parcial que vai conforme o seu original, e na parte omitida nada há em contrário que amplie, restrinja, modifique ou condicione a parte transcrita.

28.05.2013. A Conservadora,
(Ana Paula Pinto Filipe da Costa)

Onde fica o futuro?



**Fernando C.
Gouveia**

A crise aprofundou-se e alargou-se a países até agora considerados de primeira linha. Primeiro foi a explosão da chamada bolha imobiliária nos Estados Unidos, depois a falência dum Banco de primeira grandeza, o escândalo Madoff e outros, um pouco por todo o mundo ocidental. Seguidamente vieram à tona as fragilidades do sistema financeiro, parece que se descobriu aquilo que muita gente denunciava há anos como a economia de casino, foi necessário, para preservar um certo modelo capitalista, recapitalizar os bancos com o dinheiro dos contribuintes e, finalmente, descobriu-se o que era evidente há anos, mas com que ninguém se preocupava: as dívidas públicas soberanas.

Há uma série de considerações que deveriam ser postas a claro antes de se encontrarem atabalhoadamente pretensas soluções para ultrapassar a crise.

Em primeiro lugar, a crise é

global e é sistémica. O sistema capitalista encontrou os limites da sua expansão e já não apresenta qualquer virtualidade para melhorar a vida das pessoas. Ora, melhorar a vida das pessoas deve ser o objectivo fundamental dos Estados. Estes têm, por conseguinte, o dever de tirar as ilações da crise e encontrar estratégias para um novo desenho do futuro.

Em segundo lugar, parece que se instituiu uma contradição entre os mercados e os povos. Ora, os mercados devem servir a economia e a sociedade e não apenas os balanços dos operadores financeiros e a carteira dos especuladores. Além disso, a credibilidade de um Estado não pode ser vista por credores sérios pelo mesmo prisma que vêem um particular ou uma empresa, porque há, no caso dos Estados, uma dimensão temporal com vocação de perenidade, ao passo que empresas e particulares estão sujeitos às contingências dum tem-

po mais curto (o tempo de um vida humana ou, quando muito, de poucas gerações). Há Estados com mais de mil anos de existência soberana, o nosso vai para novecentos anos, e não creio que haja uma única empresa que possa ostentar uma história semelhante. Quer isto dizer que a credibilidade de um povo que se mantém unido e constrói uma história de muitos séculos não pode comparar-se com a de um qualquer agiota ou empresário aventureiro, que podem fechar o negócio no dia seguinte. A própria figura da falência de um Estado é apenas uma figura de retórica. Um Estado pode entrar em incumprimento financeiro, mas os seus valores constitutivos não se dissolvem nem são liquidados entre credores.

Postas as coisas nestes termos, logo se vê que o pensamento único que vai fazendo carreira nas análises da crise, que nega as alternativas aos sacrossantos mercados, é um

pensamento estreito de curto prazo, próprio de quem gere uma pequena empresa, mas indigno de quem gere estados dignos desse nome. Um Estado encontra as suas alternativas no consenso do seu povo e não pode estar sujeito a ideólogos do proveito e da competição.

No debate atrofiado que nos tem sido servido pelos economistas institucionais e pelos governos de pacotilha a reboque dos diversos Goldman Sachs, há algumas incongruências que não podem ser admitidas por um cidadão consciente.

Uma das linhas da argumentação é que é necessário reduzir a dimensão do Estado. Bem sabem eles que há dimensões da vida dos cidadãos que só o Estado pode satisfazer. Sabem-no, mas não o dizem: na realidade, para eles, a redução da dimensão do Estado tem um único objectivo, o de não pagarem os impostos que o Estado utiliza para satisfazer as suas funções



sociais. Ou seja, pretendem privar o Estado dos meios necessários à sua função. Que isso conduza à exclusão de uma parte importante da população dos serviços básicos de saúde e de educação, ou mesmo que isso conduza à fome generalizada dos mais frágeis, não é, evidentemente problema deles. Mas há mais: os que criticam os gastos do Estado nas funções sociais são os mesmos que sugam o orçamento através de parcerias ou de influências, quando não através da corrupção e do compadrio.

Outro aspecto do discurso liberal que é necessário desmontar é o que se refere ao desemprego. Estamos com níveis de desemprego que ultrapassam todas as expectativas e que não são motivados apenas por razões conjunturais, mas, certamente, muito mais por razões estruturais. De facto, a mão-de-obra disponível é excessiva em relação às necessidades de produção de bens e serviços. É

seguro que muitos dos actuais desempregados e jovens à procura de emprego nunca terão um posto de trabalho, pelo que a reivindicação dos povos deveria deixar de incidir sobre o direito ao trabalho, que passou a ser uma miragem, para passar a incidir sobre critérios alternativos de distribuição do rendimento.

No entanto, o discurso liberal aponta sempre para a possibilidade de diminuir o desemprego, desde que haja crescimento económico. É uma mentira descarada, que visa apenas desmobilizar os trabalhadores das justas reivindicações de condições de trabalho dignas e de salários justos. O desemprego é o maior aliado do sistema capitalista para rebaixar ao nível mais precário os ainda empregados. O argumento torna-se ainda mais cínico quando se defende, por um lado, o aumento da idade da reforma e o aumento dos horários de trabalho e, por outro, se defende hipocritamen-

te a necessidade do emprego dos jovens. Obviamente que são objectivos contraditórios entre si. Mas a leitura de segundo grau, para além do cinismo e da mentira, mostra-nos que o que realmente pretendem são dois efeitos que vão no mesmo sentido: por um lado, sabem que a maioria dos trabalhadores não vai trabalhar todos esses anos e nem isso interessa às empresas; mas a fixação da idade da reforma numa idade mais avançada tem o efeito imediato de reduzir o nível das pensões, objectivo verdadeiramente pretendido. Por outro lado, o discurso da preocupação com o desemprego jovem tem como objectivo recrutar os jovens com salários de miséria e sem garantias de estabilidade.

Estamos, por conseguinte, perante um discurso comum aos mercados financeiros, aos seus serventuários colocados nas instituições mais importantes e aos próprios governos liberais - designem-

-se eles liberais, socialistas, social-democratas ou conservadores - todos unidos num propósito ideológico de manter um sistema que já não pode servir as sociedades. É um discurso de curto prazo, que pretende escamotear a necessidade de um verdadeiro debate sobre o futuro da Humanidade. Mas é também um discurso anti-democrático, porque, a pretexto duma pretensa inevitabilidade económica, vai minando os fundamentos do Estado, impondo soluções não sufragadas pelos cidadãos e até governos escolhidos arbitrariamente por poderes fácticos difusos. De facto, as ditaduras dos nossos dias já não precisam de polícias secretas nem celas de tortura: basta-lhes a exclusão social e a miséria generalizada. Para quando o verdadeiro debate sobre o futuro?

Caparica, Maio de 2013

Nota: Não sigo as regras do acordo ortográfico de 1990.

Poeiras do meu sótão: Os “macaquinhos”!

por Carlos Fiúza

Sempre que estou a ler um livro, vou anotando as reflexões que uma frase ou um período me suscitam. Este hábito foi “herdado” de meu Pai, que sempre me dizia: “Rapaz, tem sempre contigo lápis e papel para anotares tudo o que te mereça reparo. Verás que essas anotações ainda te vão ser úteis”.

Vem isto a propósito de um livro que retirei da estante, um ensaio de semântica sobre a língua francesa, de que é autor Thomasson e que se intitula “Naissance et Vicissitudes de 300 Mots et Locutions”.

Abri o livro... e elas (as anotações) lá estavam, arrumadinhas, em letra bem miudinha (e a lápis!), marginando meditações referentes à língua portuguesa.

Quero dizer, reflexões sobre factos da língua francesa descritos por Thomasson e relacionados com tantos outros correntes na nossa língua. No livro, como o próprio título indica, o autor procura seguir o caminho semântico de 300 palavras e locuções da língua francesa.

Limito-me aos apontamentos que suponho mais interessantes, tirados das observações comparativas que (então) realizei.

Thomasson apresenta sete nomes de animais que entram em locuções populares francesas, de sentido figurado, e com as quais se indicam doenças ou falhas cerebrais.

“Avoir une araignée dans le plafond”, ter uma aranha no teto (à letra), diz o autor que significa, em francês, ter o cérebro sujeito a caprichos extravagantes (le cerveau sujet à des lubies).

Pois, então, lembrarei que a aranha serve para indicar quase o mesmo em português.

Não dizemos que “fulano tem muitas teias de aranha” quando se prende com devaneios, falsas ideias, com fantasias desastrosas, ou até argumentos facilmente combatíveis pela vassoura da reflexão?

Entre a expressão que o autor francês cita, avoir une araignée dans le pla-

fond, e a nossa das teias de aranha, não deixo de elogiar a intensidade expressiva da locução portuguesa, porque a palavra teia dá boa ideia do embaraço cerebral.

A teia é tão facilmente rasgável como o é qualquer teia de ideias ilusórias ou argumentos absurdos.

Regista o autor do ensaio de semântica francesa a expressão avoir des rats dans la tête, isto é, ter ratos na cabeça.

A nós, portugueses, ocorre-nos imediatamente a engraçadíssima expressão ter macaquinhos no sótão.

E esta nossa locução está bem pensada, não só em virtude de se figurar a parte superior da cabeça como um sótão do nosso edifício humano, mas, ainda por cima, em vista de lá se arquetar a instalação de uma aldeia de macaquinhos, causadores, pelos destrambelhos tão próprios da sua natureza, dos desatinos de quem os alberga.

Outro assunto relacionável com problema da nossa língua é a pequena nota a respeito de chèvre.

Ao lê-la, renovei esta interrogação a mim mesmo:

- Porque será que se diz em português - prender o burro ou estar com o burro preso, no sentido de se zangar?

- Será possível descobrir-se a razão de ser de tal locução?

Em português o burro entra, inexplicavelmente nestas frases - estar com o burro, estar com o burro preso e prender o burro.

Temos ainda a expressão “estar de burros com alguém”, isto é, zangado com essa pessoa.

A própria palavra amuam, sinónimo de tais expressões, também é misteriosa, embora pareça que se relaciona com mu ou mulo, animal difícil de domar.

O caso complica-se, quando se estabelece comparação com outras línguas.

Em francês diz-se se cabrer ou prendre la chèvre (prender a cabra), no mesmo sentido de zangar-se.

Uns semasiologistas aventam a hipótese de a locução provir de alguma velha farsa; outros relacionam-na com um antigo “jogo de cabra” (Cf. Thomasson).

Penso não ser de admirar esta divergência de os franceses dizerem “prender a cabra” e nós o “burro”. Há divergências mais acentuadas.

Os italianos empregam a locução pigliari la monna, prender a macaca.

Portanto, o animal preso varia.

Já que os semasiologistas, os eruditos, não apresentam solução, aqui vai esta minha hipótese, relacionando-a com a deles:

A palavra burro (veja-se Aulete) pode querer dizer - mau humor.

Ora eu pensei no seguinte - simboliza-se nesses animais o mau humor. E, assim como os animais (o burro em português, ou a cabra em francês ou a macaca em italiano) quando estão presos, estão mais zangados do que livres, “estar com o burro preso”, “prendre la chèvre”, “se cabrer” ou “pigliari la monna”, simbolizam a zanga.

Limito-me a dar uma hipotética explicação, e não me envergonho, porque os gramáticos confessam-se impotentes para explicar o mistério das correspondentes frases (cientificamente, leia-se).

Aponta o livro francês a expressão faire une chose à la barbe de quelqu’un, a significar que se faz uma coisa provocando insolentemente e de perto.

Nós, em português, também dizemos o mesmo. E muita vez acrescentamos - nas barbas da autoridade.

Penso que o coexistirem estas frases se explica muito facilmente por ser (?), ou por ter sido, a barba um símbolo de respeito.

No próprio francês existe uma locução - rire dans sa barbe, zombar nas próprias barbas.

Declarar, dizer o nome é o que em Português natural dizemos.

Pois, modernamente, anda muito na berra a expressão - declinar o nome, e até declinar a identidade.

Ouçamos o que diz Thomasson: “a locução decliner son nom foi usada primeiramente por gracejo, pois um nome de pessoa não se declina... Diz-se de um homem de ignorância crassa que nem sequer sabia declinar o nome”.

Uma outra nota que se pode relacionar com a língua portuguesa é a respeitante ao termo réclame.

Lembra o autor que réclame, substantivo masculino, foi termo de falcoaria, voz ou antes assobio, para chamar ou fazer achegar-se a ave; e também chamariz que atrai para armadilha.

Exatamente o mesmo sucedeu na nossa língua a reclamo de mercadoria, equivalente a chamariz.

Findo estas considerações sobre o interessante livro “Naissance et Vicissitudes de 300 Mots et Locutions” por Thomasson, relacionando ao português o que ele diz a respeito de jalousie.

Trata o autor de quatro aspetos semânticos de jalousie:

1.º - no sentido de ciúme; 2.º - na acção militar; 3.º - como termo de marinha; 4.º - na aplicação à “jalousie” das janelas.

É este último sentido que mais agora nos interessa:

“Como o ciúme incita a espiar (escreve Thomasson), como incita a olhar furtivamente, chegamos ao sentido... jalousie des fenêtres (gelosias,

portanto, na nossa língua)... “São grades de madeira ou de ferro, através das quais se pode ver sem ser visto, ou guarda-ventos formados por tabuinhas delgadas cuja inclinação se corrige por meio de um cordão”.

E assim,

- Findas as citações...

- Corro as gelosias,

... E acabam as anotações.

Carlos Fiúza

SÃO LOURENÇO

de outros tempos...



Mário Almeida

Transportava a juventude
P'ra dançar e namorar
Mas também levou lá muitos
Que iam só p'ra se lavar

É o Sr. Luís Manuel
Foi taxista da aldeia
Ganhava a vida com o carro
Mas dava muita boleia

Quando ia alguém a pé
E o tio Luís passava
Se tivesse um lugarzinho
Ninguém ficava na estrada

Homem muito respeitado
Que o Pombal nunca o esqueça
Mas se nós não lhe pagamos
Venha Deus e lhe agradeça

Anda a Gina do Tua
Num cortante desafio
Com malta do Franzilhal
A vender peixes do rio

Um peixe sempre fresquinho
Pago com pouco dinheiro
Porque também competiam
Pescadores do Amieiro

Comiam peixes do rio
Sardinhas e bacalhau
O talho abria ao domingo
Em frente às Janelas de Pau

Pendurado na oliveira
Estava o carneiro a esfolar
E o povo já todo em bicha
Com dinheiro p'ra comprar

Que Deus tenha em bom lugar
O homem que abria o talho
E que o Pombal não esqueça
O tio António Carvalho

À noitinha nas Varandas
Só se via espevitar
As máquinas a petróleo
Para fazer o jantar

Quando acabava o jantar
Ia tudo p'ra noitada
Começava o bailarico
E toda a gente dançava

Era um velho gira-discos
Que toda a noite tocava
Ligado no quarto oito
O único com tomada

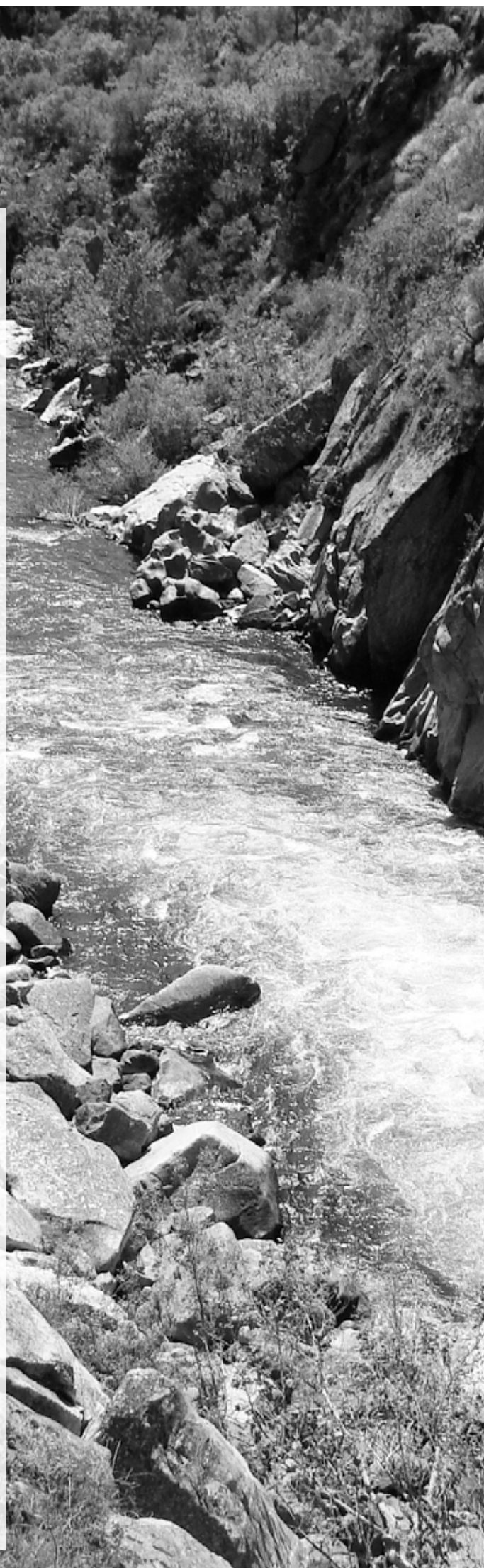
Houve bailes no salão
Em noitadas de alegria
Também se dançou na Acácia
E na Casa de Cantaria

Os bailes que eu mais gostei
Foi no dancing ao luar
E foi aí que aprendi
O pouco que sei dançar

Encostado àquele muro
Passei horas a olhar
P'ras pernas daquelas moças
Que me faziam cismar

Se o baile corria bem
Tudo cantava e dançava
Mas quando dava p'ro torto
Também havia porrada

Gente rica e gente pobre
Tudo por ali passou
Ou bem ou mal atendidos
Pouca gente se queixou



— II - POR TERRAS DE ANSIÃES —

Passeio de Clássicos e Antiquidades 7 de Julho de 2013
Pombal de Ansiães



Pombal
Paradela
Ribalonga
Tua
Castanheiro
Tralhariz
Parambos
Marzagão
Carrazeda
Zêdes
Areias
Pinhal
Pombal

Aprox. 60 Km

Programa

8:30H
Concentração na ARCPA
9:30H
Início do Passeio
11:00H
Porto de Honra e aperitivo
no "Casal de Tralhariz"
12:00H
Prova de Vinhos e visita à adega "Grambeira"
13:30H
Almoço na ARCPA e entrega de lembranças

*Vou falar-lhes dum Reino Maravilhoso.
Embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá
reinos maravilhosos neste mundo. (...) Começa logo porque
fica no cimo de Portugal,
como os ninhos ficam no cimo das árvores (...)
Vê-se primeiro um mar de pedras, (...)
A gente entra, e já está no Reino Maravilhoso.
(...) Um nunca acabar de terra grossa, frágil, bravia (...)
Serras sobrepostas a serras. Montanhas paralelas a montanhas.
O nome de Trasmontano, que quer dizer filho de Trás-os-Montes,
pois assim se chama o Reino Maravilhoso de que vos falei.*

Miguel Torga

Nota: A Direção da ARCPA não se responsabiliza
por qualquer acidente decorrente do passeio



Sócios: 10€ | Não Sócios: 15€ | Inscrições: 278 669 199 | geral.arcpa@gmail.com | www.arcpa.pt

De Ansiães para Carrazeda de Ansiães

por Fernanda Natália



Mais uma vez, a Câmara Municipal de Carrazeda de Ansiães organizou uma recriação histórica sobre um episódio da História Local. Este ano, o regresso no passado parou no século XVIII, mais propriamente no ano de 1734, quando se deu a passagem da sede de concelho de Ansiães para Carrazeda de Ansiães.

O evento começou com um desfile da corte de D. João V, cujo reinado ficou marcado pela exuberância e luxo e, como tal, os trajes da comitiva que o acompanhava fizeram jus à vida faustosa daquela época, fruto dos lucros do comércio do Brasil. Seguiu-se uma pequena encenação da apresentação de cumprimentos ao rei.

Nestas performances, para além dos elementos da empresa que dinamizou a recriação histórica, houve também a participação dos alunos do Agrupamento de Escolas de Car-

razeda de Ansiães e da Escola Profissional de Ansiães.

À noite, de permeio com a degustação de sabores da época desenrolou-se um baile de máscaras e um espetáculo pirotécnico sob o tema “A Bela e o Monstro”.

No dia seguinte, 25 de maio, as atividades centraram-se no interior do Castelo de Ansiães onde se encenaram pelejas e escaramuças que fizeram as delícias de quem teve a oportunidade de assistir ao momento mais alto da recriação histórica. As recriações históricas serão sempre uma ótima maneira de se aprender pormenores sobre a História Local, fazendo-o de forma descontraída e com a possibilidade de, por momentos, se poder, literalmente, entrar num Manual de História.

Fernanda Natália Lopes Pereira



Restaurante
CALÇA CURTA

Especialidades da Casa:

Carnes:

Ueddo, Javalé, Coelho Bravo, Perdiz e Arroz de Leão

Peixes:

Polvo, Bacalhau, Enguias, e Peixinhos do Nosso Rio

Agência: TOTOBOLA - TOTOLOTO

ESPLANADAS DE LAZER

E PAISAGENS ESPECTACULARES

Telef. 278 685 255

5145-133 TUA

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA

2 de junho | 15h

Gostas de pintar? Boa! Junta-te a nós!
A ARCPA conta contigo para
deixares a tua 'marca' no nosso muro.
Gostas da ideia? Então não podes faltar.
Vem divertir-te connosco!
Temos mais surpresas para ti!!!

